

Anexo 1
Documentos históricos

Anterioridade de Zambunas, Choros e Reynados da Ilha de Santiago: Uma prova arquivística

Embora não seja possível fixar uma data certa para o surgimento de um género musical ou para manifestações lúdicas e cénicas populares, pois se trata de um processo lento e contínuo, acreditamos que, com base em certos registos escritos, tais como relatos de viagem, monografias da época e, sobretudo, ordens de proibição é possível afirmar-se, por razões óbvias, que tal género musical já existia em tal ano, ou até antes.

É o que vamos tentar fazer com base em um **"Bando"**, mandado publicar e afixar, em **"16 de Setembro de 1772"**, pelo Governador Joaquim Salema de Saldanha Lobo, **"para evitar Zambunas, Choros e Reynados"**, há, precisamente, **duzentos e trinta e quatro anos**.

Antes demais devemos dizer que Joaquim Salema de Saldanha Lobo, **"Mosso Fidalgo da Caça de Sua Magestade Fidelíssima"**, foi Governador das **"Ilhas de São Thiago de Cabo Verde, Terra firme da Guiné e Serra Leoa"** desde a sua tomada de posse a 25 de Dezembro de 1768 até 4 de Junho de 1776, data do registo do seu último Bando ou 27 de Maio de 1777, uma vez que o seu sucessor, o Governador António do Vale de Sousa e Meneses, lavrou, neste mesmo livro, o seu primeiro Bando com data de 28 de Maio de 1777.

Chegados a este ponto, somente nos resta apresentar a enunciada **prova arquivística** e deixá-la falar, por si só, pois que, **"é graças à proibição na ilha de Santiago"**, dada pelo **Bando** do Governador Joaquim Salema de Saldanha Lobo, de **16 de Setembro de 1772**, existente no Instituto do Arquivo Histórico Nacional (de Cabo Verde), que podemos **confirmar e provar da anterioridade** de três importantes manifestações culturais do Homem cabo-verdiano em relação às outras por todos nós conhecidas e ainda hoje praticadas tanto neste arquipélago como na diáspora.

No Fundo Arquivístico da Secretaria Geral do Governo (1674-1954), que faz parte do acervo do Instituto do Arquivo Histórico Nacional, encontra-se o Livro Manuscrito nº 0013, intitulado **"Bandos e Editais publicados na ilha de Santiago (30 de Dezembro de 1769 a 9 de Outubro de 1778)"**, contendo registos desde a página 3 até à página 43, sendo que as páginas 44 e 45 estão em branco, em formato A/4, tudo encadernado, com capa de serapilheira de cor castanha clara.

Este livro manuscrito não tem a página de **"Termo de Abertura"** mas, em contrapartida, tem a página 88 com o seguinte **"Termo de Encerramento"**:

"Tem este Livro oitenta e oito meyas folhas com esta do enserramento, e todas nomeradas, e rubricadas com o meu Apellido de que uso, e E para nelle se registarem todos os Bandos, e Éditos, que se mandarem publicar nesta ilha. V.º da Praya 16 de Novembro de 1769.

Joaquim Salema de Saldanha Lobo"

A meio da página 17 deste livro encontra-se:

"Registo do Bando para evitar Zambunas, Choros e Reynados.

"Faço saber aos moradores desta Ilha que porquanto tem chegado à minha noticia, e com effeito se tem visto continuamente as dezordens, que nascem de se fazerem huns chamados Reynados, e Zambunas publicos de noite, com tanto excesso, que chega a ser por todos os fins escandalozos a

cabo, será castigado pela primeira vez com quatro-

Na página 18 encontra-se:

«com quatro mezes de prizão, e succedendo qualquer dezordem será demais amais castigado pela primeira vez com quatro mezes de prizão digo castigado conforme as circunstâncias o pedirem»

E não sendo menos escandaiozo mas antes bem estranho à fé catholica o impertinente costume do choro, a que chamão estar na esteyra, e pelo agoiro com que este se faz, conversarem com os defuntos, mandados, digo defuntos mandando recados, ou mantenas aos outros mortos, o que hé próprio só no gentelismo, pela falta, que esse tem do conhecimento da verdadeira fé, sendo o referido costume demais amais prejudicial às almas dos ditos defuntos, e mais pezado aos anojados: por gastarem estes em comes e bebes na dita esteyra o que necessitão para o seu sustento, e talvez o não tenham para o sufrágio dos outros: Hay outro sim por bem commum, e pelas sobreditas cauzas de prohibiçõ o costume do tal choro, ou esteyra, incorrendo na mesma pena qualquer, que na sua caza, o consentir ficando só permitidas as vesitas serão de pazames a que obngão a cevelidade; e parentesco: Pelo que mando a todos os Officiaes militares, e de Justiça observem, e fação observar o conteúdo neste bando com a»

No verso da página 18 encontra-se:

«com a execução, e da forma que Sua Magestade Fedelissima o manda observar, de baixo da mesma pena; e para que chegue a noticia de todos, e ninguém possa alegar ignorância, o mandei publicar e afixar nos lugares publicos de costume por mim assinado, e firmado com o Signeto de minhas Armas nesta V.º da Praya de Sta. Maria aos 15 de Setembro de 1772.»

=

Segundo a historiadora Maria Manuela Martins Rodrigues **"No Concelho do Porto, existiram confrarias de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ou dos escravos, com Reinado e danças"** e, mais informa, que **"A Igreja do Convento de São Francisco (c. de 1698) possuía uma irmandade de escravos chamada de "Nossa Senhora do Rosário e São Benedito"**, in **"Confrarias da Cidade do Porto: 1650-1749"** comunicação apresentada no **"Congresso Internacional de Historia: Missionaçõ Portuguesa e Encontro de Culturas. Actas"** (Vol. I, Braga: UCP, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Fundação Evangelizaçõ e Culturas, 1993, p. 382 ss.)

Também, segundo os documentos da Irmandade do Rosário encontrados pelo pesquisador Pereira da Costa, na Vila de Iguaraçu/Pernambuco- Brasil, o **"Congado"**, **"é uma festa que teve a sua origem no meio dos escravos de Pernambuco, tendo a primeira coroaçõ ocorrida no dia 24 de Junho de 1706"**. Mais informa-nos o dito pesquisado brasileiro que, desta festa original do nordeste brasileiro, o **"Reinado"** mantém: **"quartel, palácio, castelo, convento, as fardas, soldados, capitães, e toda a hierarquia militar, embaixadores, reis, juizes, príncipes, meirinhos, etc"**. E que os participantes utilizam **"colares de contas referênciã às regiões africanas e ao Rosário de Nossa Senhora, usando como protecçã**

Continuação da pág. anterior

No verso da página 17 encontra-se:

*«público, principalmente por efeito da intemperança dos que se deichão esquecer delles, sendo ainda estranho, e reprovável, que se pratiquem semelhantes abuzos na Praças de Armas, contra a boa ordem, e respeito inalterável das mesmas, como tãobem por serem os ditos abuzos, e costumes já prohibidos pelas Leys do Reyno à vista das quaes, cem consideração do referido: Hey do serviço de Deus; e de Sua Magestade Fidelissima; pelos poderes, que o dito Senhor me tem concedido, prohibir, como por este meu bando prohibo; fazerem-se jámais daqui emdiante os ditos **Reynados**, e **Zambunas** públicos de noite, dentro em caza, ou no campo, o que se entende doutre (sic) Marias, logo depois do Sol posto até ao amanhecer; Bem entendindo tãobem emquanto às **Zambunas**, que as públicas, e prohibidas são aquellas a que costumão concurer pessoas estranhas, ou que não pertencem a família de qualquer caza, sob pena de que todo e qualquer, que fizer os ditos **Reynados**, e **Zambunas** públicas de noite, ou as consentir em sua caza, ou*

Após a leitura do conteúdo deste Bando várias questões se levantam, entre as quais:

Se **Sambuna** é a mesma coisa que **Batuque**, conforme diz **Nha Gida Mendi**: "Num restaurante, primeiro serve-se o prato principal e em seguida passa-se à sobremesa. A **sambuna** ou (tchabeta) representa o prato principal e o **finaçom**, a sobremesa". Numa sessão de **batuque**, e assim que acontecem as coisas. A festa começa com o **Batuque**, melhor a **Sambuna**, e acaba com o **finaçom** (o **finaçom** é uma sucessão de provérbios e conselhos declamados com inflexões vocais):

E, se, também, a **Sambuna** é a mesma coisa que **Batuque** conforme diz **Antoni Denti d'Oro**, com o seu "CD" intitulado, precisamente, de "**Sambuna e Finaçom**";

Não será legítimo perguntarmos se o **Reynado** não terá sido o antepassado natural da nossa **Tabanca**?

José Maria Almeida

*Técnico Superior de Primeira
do Instituto do Arquivo Histórico Nacional,
na Cidade da Praia, 12 de Setembro de 2006.*

BATUQUE

Boletim Oficial Nº 13, de 31 de Março de 1866

EDITAL

José Gabriel Cordeiro, cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora de Conceição de Villa Viçosa, administrador do concelho da Praia de S.Thiago, por el-rei, que Deus guarde, etc., etc.,

Faço saber a todas as pessoas a quem o conhecimento deste pertencer, que sendo os denominados batuques um divertimento que se opõe à civilização actual do século, por altamente inconveniente e incómodo, ofensivo da boa moral, ordeme e tranquilidade pública, que tanto convém manter, sendo de toda a conveniência social reprimir de uma vez para sempre aqueles, na maior parte praticados por escravos, libertos e semelhantes, tanto porque tal divertimento do povo menos civilizado, não convém que seja presenciado por pessoas honestas e de bons costumes, aos quais chamaria ao campo da imoralidade e da embriaguez; como porque incomoda os habitantes pacíficos que se querem entregar durante a noite ao repouso e socego em

determino:

1º Que desta em diante ficam proibidos os batuques em toda a área da cidade.

2º Que as pessoas que forem encontradas em flagrante do disposto, serão presas e entregues ao poder judicial para serem processados como desobediência aos mandados da autoridade pública nos termos do artigo 188º do Código Penal.

E para que chegue ao conhecimento de todos fiz passar o presente que será afixado em todos os lugares do costume, e mais públicos da cidade.

- Administração do concelho da Praia de S.Thiago, 7 de Março de 1866 - O Administrador - *José Gabriel Cordeiro*.

seus senhores, e sem os quais não se começa — que são eles os mais considerados — só podem reunir-se a uma hora adiantada da noite.

Todavia os nossos conhecidos João e Luiza já tinham chegado; e ao passo que o escravo deixava transparecer satisfação através da melancolia que lhe era habitual — Luiza traía pungentes angústias por entre a máscara prazenteira que seu rosto a custo segurava.

Com que fim Luiza impusera ao escravo a obrigação de vir a este batuque? Como conciliar a presença dela num lugar de prazer, com uma lágrima que de quando em quando lhe humedecia as pálpebras? Como explicar a sua vinda a este ajuntamento, quando sabemos que seus desgostos pediam a solidão?

Ela nada nos disse — nada nos explicou — mas costumados como estamos a ler no mais recôndito da sua alma, não nos custou a adivinhar que Luiza — tendo consumado o sacrificio de renunciar para sempre à posse do escravo — queria gozar da única recompensa, que podia alcançar neste mundo, a sublime abnegação, de que dera provas. Quis observar as feições do escravo — outrora intérpretes de excessivas mágoas — feições que ela gravara com indeléveis tintas no seu pensamento, a fim de roubar-lhes milhões de beijos durante o delírio, a que tantas vezes a levava um formoso ideal — quis vê-las, não com o prosaico deslumbramento da alegria que não pensa — mas sim com a poesia que dá a melancolia combinada à suavidade das ideias. Queria, obrigando João a comparecer ali, compeli-lo a manifestar-lhe em público um reconhecimento que ela sabia merecer-lhe; — e então entregar-se inteiramente à ilusão que buscava; — esconder, sob o véu das aparências, a realidade do seu pensar; e, acreditando-se amada, gozar, oh sim! gozar uma noite de suposta ventura!...

.....
 — Ó Cacilda, os teus convidados demoram-se bem. Isto disse em crioulo *fundo* a voz áspere de um escravo, com evidentes sinais de enfado.

Dissemos que lamentávamos não saber manejar a linguagem crioula, quando tratamos de reproduzir as frases de Luiza; não nos acontece porém o mesmo no que respeita ao crioulo dos homens. O crioulo passado por femininos lábios toma uma expressão doce, agradável, terna e própria a revelar o mimo, a ingenuidade e a meiguice da alma; porém, nas bocas masculinas, ela — não só perde toda a graça — senão que torna-se ridícula, se acaso — com a afec-

VI

REUNIÃO DE ESCRAVOS — UMA HISTÓRIA

Conduziremos o leitor à Vila da Praia, para o fazermos entrar numa casa — pouco decente, é verdade — mas com as dimensões próprias a deixá-lo respirar à vontade; pelo menos em quanto se não enche dos convidados ao grande *batuque*, que ali vai dar-se.

A pequena porção de candeiros, cuja luz era absorvida em parte pelo escuro das paredes, revestidas somente do preparo para o reboco — preparo a que a areia preta, com que traçam aqui a cal, dá uma cor triste — tornava sombrio este local, e pouco próprio a uma partida de prazer.

O sino da Praça — que obedece à mão do sentinela — havia dado nove horas, posto que marcasse dez o relógio regulador. Todavia uma badalada — com um som de fazer crer que chegava cansada de correr em alcance de suas companheiras — veio, minutos depois, declarar aos ouvidos mais atentos, que o sentinela era homem de consciência; por quanto, tendo-lhe rebentado a corda à nona pancada, ele gritara para que viessem prendê-la; e logo que o habilitaram, não se demorou em pagar ao público uma dívida de que o mesmo público, seguramente, já se não lembrava.

Seja efeito desta ocorrência — ou porque a maior parte dos donos de casa se recolhessem mais tarde nesta noite — pouca gente estava ainda reunida; — o que não devia admirar sabendo-se que os batuques neste país, parecem-se com os bailes do grande mundo — verdade seja só no que respeita à hora da entrada: e o motivo é porque os escravos encarregados do serviço mais íntimo da casa de

— Nunca, respondeu Domingos, pelo menos que eu saiba; e isto aconteceu há tantos anos que, estou certo, ninguém hoje nos poderá informar sobre qual fosse a sorte de Margarida; a menos que não seja alguma feiticeira.

Cacilda apertou o braço de Domingos, e disse-lhe, de maneira a ser ouvida unicamente pelos que lhe ficavam mais próximos: Cuidado com o falar em feiticeiras: não vêes que está ali a do Monte Vermelho?

A esta observação, tanto Domingos como os demais escravos que a ouviram, voltaram os olhos para onde indicava Cacilda; e de facto depararam com uma velha conhecida de todos os escravos, porque todos a ajudavam, visto que para sustento da vida ela só contava com a caridade pública. A sua velhice, o desarranjo das faculdades intelectuais — do que dava provas muitas vezes — e finalmente uma presciência de que alguns a julgavam dotada, junto ao prestígio que o vulgo liga sempre aos entes cuja vida sai fora do comum — fez com que a apelidassem a feiticeira do Monte Vermelho — por ser este o local onde morava.

A velha — que prestara uma atenção quase religiosa à história que Domingos contara — ouviu a última observação deste, e percebeu, pela direcção que tomaram alguns olhos, que as palavras ditas em voz baixa por Cacilda lhe eram relativas. Contra o costume das supostas feiticeiras, que se escandalizam quando lho chamam, ela não se ressentiu por ser objecto dos segredinhos de alguns: e primeiro, como falando consigo mesmo, e depois para o auditório, ela disse:

— As feiticeiras!... oh! as feiticeiras sabem muitas histórias. Querem vocês que lhes conte uma?

Alguns houve — e nesse número entrou o bom Domingos — que se arrepiaram a semelhante pergunta. Outros porém mais desabusados responderam: — Conta, boa velha; mas olha lá não te demores muito, que já pouca gente falta, e nós queremos dançar.

— Se há por aí algum branco, que se retire — disse a velha — pois o previno de que não gostará de ouvir-me.

De feito, encostado ao umbral da porta estava um branco. Havia sido visto pela maior parte, mas a ninguém importou a sua presença, porque não era extraordinário ver brancos espectadores dos *batuques*; e mesmo alguns tomam neles um não pequeno interesse.

VIII

O TORNO

Se Lopes se tivesse conservado por mais tempo entre os escravos, talvez estes lhe fizessem sentir toda a raiva que naquele momento os possuía contra os brancos; como porém não vissem sobre quem cevar a sua ira, os escravos — cujo número tinha crescido, pelos que entraram durante as histórias — esqueceram facilmente as ideias assassinas, para darem lugar a outras mais lisonjeiras, que a dança em expectativa devia sugerir-lhes.

Os sons pouco harmoniosos de três guitarras — que estavam em completo desacordo entre si — foram serenar aquelas almas, cujas molas — gastas e enfraquecidas pelo hábito do sofrer — não podiam dar impulso a pensamentos de força, que por isso tinham aí efémera duração.

Forma-se a roda: trinta ou mais bocas femininas se abrem e dão liberdade às vozes, que elas possuem de uma extensão a causar inveja ao mais abalizado barítono; — mas a música! a música era infernal! Sem cadência, sem harmonia e sem gosto, julgareis ter na frente a cópia viva do quadro de Hoghar «O músico desesperado». Os sons das guitarras não podiam ouvir-se; mas à falta desse, um outro acompanhamento mais positivo, mais igual e mais conforme ao canto, vinha casar-se a este, de maneira a torná-lo mais alegre — mais estrepitoso — e mais próprio a fazer esquecer velhos pesares. Este acompanhamento compunha-se do bater das mãos sobre os panos, que cada uma passara por sobre as coxas, amarrara junto às curvas, e, com a separação dos joelhos, esticara qual pele em afinado tambor. E esse bater tinha uma cadência toda sua, uma

toada para a qual nós não achamos comparação que a explique: — em quanto que uma das mãos caía com regularidade — extraindo do pano sons compassados e secos, a outra fazia ouvir um tremido, uma espécie de rufo, que é onde está toda a delicadeza do *xabeta*.

Este alarido convida uma delas a saltar para o meio do círculo, o qual se vai estreitando a ponto, que mal deixa o espaço preciso para as evoluções da rainha do momento. Vê-la-eis então medir o compasso com o corpo, cingir o pano à cintura, juntar-lhe aí as pontas em nó, que desata logo, com uma indolência perfeitamente representada. Vê-la-eis — dizemos — torcer-se, requebrar-se, impor aos quadris movimentos — demorados no principio — mas que vão progredindo, exaltando-se à proporção que — de mais em mais — se acelera o compasso do *xabeta*. E quando o ente preferido — aquele sobre quem ela emprega os seus olhares — grita com um entusiasmo de possessão *ripundá xabeta*, oh! então ela despe a modéstia com que até ali se ornara; o *xabeta* assume um *crescendo furioso*; e ela — amarrando o pano de maneira a deixar esculpidas as formas do corpo — levando as mãos umas vezes à cintura, outras ao ar, onde faz ouvir os trincos de seus dedos — olhando alternadamente o céu e a terra — ela se inclina, se dobra, se eleva, se force, se volta, se arqueia, tudo com agitação febril — com transportes frenéticos — com furor vertiginoso — com movimentos tantos, tão rápidos e líbricos; que julgareis ver nela a lascívia personificada!...

Lugar, lugar a Luiza — grita-se de todos os lados — e ela entrou na arena do baile.

Assim como succede aos grandes actores, cujo mérito já conhecido lhes granjeia aplausos, mal se mostram sobre o palco — assim aconteceu a Luiza, cuja presença foi bastante para despertar a geral atenção — manifestada por um murmúrio approvador. A jovem *lambudo* com uma negligência — talvez estudada — mas que lhe ia divinamente: a cabeça trazia-a coberta com um lenço de seda, em cujo fundo branco sobressaia um lindo matiz de bem combinadas cores. Este lenço estava amarrado com aquela graça elegante, de que as crioulas tanto partido sabem tirar; imaginai entre o toucado e o turbante alguma coisa de bom gosto, e formarcis urna justa ideia da disposição das pregas, do entrançado das pontas, dos apinhados do lenço de Luiza. Uma saia de bonita chita descia-lhe da cintura aos pés, os quais se escondiam dentro de bem feitos sapatos

de couro bronzeado. Pendiam-lhe das orelhas meias luas de filigrana de ouro, e segurava ao pescoço um fio de contas de finíssimo coral vermelho. Alta, quanto o deve ser uma mulher, dera-lhe a natureza — que não a educação — um donaire de senhora, que em nada se compadecia com a sua condição de escrava.

O *xabeta* já começara a fazer-se ouvir, e Luiza conservava-se imóvel com os olhos — que ella possuía rasgados, e de uma expressão magnífica — fitos em João. Um imperceptível sorriso deste — que respondia seguramente a uma ideia de fagueira esperança — veio animá-la; e ella deu principio a essa dança, que só Luiza podia tornar interessante. O calor obrigou-a a privar-se do pano — o qual atirou para o regaço de João: — ella sabia não carecer daquele ornato para fazer realçar as graças de que era dotada. A ausência do pano patenteou a camisa, que da cintura aos ombros se mostrava guarnecida de finissimas rendas, as quais dispostas com artificio e gosto se pronunciavam sobre o preto de seu seio; a este incomodava-o sem dúvida a leve pressão das rendas, por quanto percebia-se-lhe o ligeiro impulso com que amiúde tentava afastá-las.

Luiza começara o *torno* com a languidez e indifferntismo próprio de quem não cura do que está fazendo. Contudo — através da pálida e sombria luz da sala — fulguravam seus olhos vivíssimos, cujas negras pupilas tomavam uma direcção única — a que mais facilmente as collocava sobre o rosto de João. — Este encontrara os olhos da escrava; e admirado da obstinação com que Luiza o fixava, quis ver — como sempre acontece nestes casos — se a obrigava a volver os olhos para além; conservou, pois, os seus imóveis e fitos sobre os da escrava. Após alguns segundos, João experimentou a influencia do magnetismo daquelle olhar: a corrente de electricidade esta bebeceu-se entre ambos; e elle — cedendo ao encanto que o fascinava — vencido por essa atracção magnética que nós, pelo menos, não sabemos explicar, deixou-se insensivelmente aproximar de Luiza. Esta gozava de um prazer extreme, sublime, e imenso: um sorriso alvejava por entre seus lábios ligeiramente pursamentos, em quanto que o cérebro lhe brincavam dulcissimos pensamentos. E como não? se ella via o escravo tão perto, que estendendo-lhe a mão podia tocar-lhe! Como não? se era em frente de João que ella dançava — de João que correspondia ao seu amoroso olhar — do escravo, que se deixava atrair, e que vinha talvez pedir-lhe perdão do muito que a fizera sofrer! Delirando ao excesso da ventura — deslumbrada pelas chamas de amor, que acreditou ver

O BATUQUE

O BATUQUE constitui, no seu conjunto, o toque, o canto e a dança, peculiares da Ilha de S. Thiago, única do archipelago onde existe.

Atribue-se a sua origem aos negros da Guiné, que, logo depois da sua descoberta, a povoaram, pois que tanto o canto como a dança do *batuque*, são perfeitamente gentillicos, com pequenas modificações.

Forma-se um círculo ou semicírculo de homens e mulheres, sentados e em pé e collocam um *panno*, — especie de chaile tecido e tinto no paiz, — entre os joelhos. A um dos lados ficam os tocadores que, n'uma toada monotona e pouco variada, tocam as violas de arame de seis cordas dobradas. Ao centro do círculo ficam as figuras que dançam, homem e mulher.

Tocam as violas, canta uma voz um creolo, que é acompanhado depois pelo coro; os do círculo fazem acompanhamento batendo, com força com ambas as mãos, em cima dos pannos, collocados sobre os joelhos.

Quando o *batuque* é muito concorrido a bulha do compasso ouve-se a distancia de 3 e 4 kilometros.

Ao centro, o par que dança tem amarrados pannos á cintura, abrangendo os quadris.

A dança ao compasso do toque e do canto consiste em mover a parte entre a cintura e os joelhos, ficando o resto do corpo firme.

Esses movimentos rapidos para a frente, para traz e para os lados a que chamam *chavêta*, são pouco decentes. E' esta dança semelhante á que os francezes chamam; *la dance du ventre*.

Por vezes, entre os cantores, encontram-se alguns improvisado-

res com graça, e que apropriadamente, respondem aos que o antecedem, apanhando, como diríamos n'um torneio de poetas, o *mote* para o glosarem.

Praia

ANTONIO DE ARTEAGA-



<p>22-3-11 FOLHETIM N.º 4</p> <p>AMORES DE UMA CRIOLA</p> <p>com</p> <p>ANTONIO DE ARTEAGA</p>	<p>—Que dizes, Manuel, pois será crível que minha filha queira envenenar o resto da minha existencia? Nunca! Nunca consentirei em semelhante casamento!</p> <p>—Evitas esse casamento, é certo, mas não poderás obrigar Maria a casar com Thimoteo.</p> <p>—Vamos até casa, Manuel. Deixemos teu filho com Maria, entretidos a ver o <i>batuque</i>, para que mais livremente possam fallar.</p> <p>O <i>batuque</i> anima-se cada vez mais. Cantavam então:</p> <p>Nha Maria é bonita Nho Thimoteo é rascou.</p> <p>Maria estava triste e olhava maternalmente para toda aquella gente; repugnava-lhe a cantiga, que a feria amargamente, fazendo-lhe lembrar o seu amado Frederico.</p> <p>—Está triste, Maria, não falla, diz Thimoteo, pegando-lhe na mão.</p> <p>—Não, respondeu ella, escondendo a pequenina mão. Estou indisposta.</p> <p>—Mas que tem? Sabe que a amo lousamente, e que me faz mal veia-assim mechancolica...</p>	<p>lhos, e os braços levantam-se a um tempo:—o <i>batuque</i> entra na sua pharse aguda...</p> <p>Neste momento, appareceram Thomé da Veiga com sua filha, seguidos de Manuel Gomes e seu filho Thimoteo.</p> <p>—Alegria, rapazes, alegria, exclamou Thomé! Sinto-me hoje com vinte annos de menos. A visita do meu amigo Gomes e seu filho é para mim de grande satisfação. Divirtam-se.</p> <p>—Thomé, dizia Gomes, espero que não faltes no proximo domingo ao baile que dou em minha casa; e até lá seria bom que fosses disposto o animo de tua filha para a proposta do seu casamento.</p> <p>—Não faltarei, mas receio muito de Maria; já lhe fallei n'isso e não recebeu bem os meus conselhos...</p> <p>Chegou mesmo a dizer-me que não gostava de Thimoteo. Desconfio que o seu coração já pertence a outro...</p> <p>—Pois tu não sabes quem é o pretendente á mão de tua filha?</p> <p>—Não!</p> <p>—E' esse extravagante do Frederico de Mello...</p>	<p>—Tu vae ao baile de Manuel Gomes; é natural que lá nos encontremos, e ali, em vista do que succeder, resolveremos o que devemos fazer.</p> <p>—Pois sim, e até lá que Deus nos proteja... Adeus, Maria!</p>
<p>IV</p> <p>O batuque</p> <p>Na agradável vivenda de Thomé da Veiga, na Ribeira da Antonia, notava-se grande animação. A luz surgia das montanhas para cá da Ribeira Grande.</p> <p>Proximo á casa de Thomé da Veiga havia um <i>batuque</i> bastante animado e muito concorrido pelos habitantes da localidade e vizinhanças.</p> <p>A viola de arame tanguia uns sons agudos, abafados muitas vezes pelas vozes das cantadeiras e pelo rumor das palmas, acompanhamento indispensavel nas festas populares ja ilha de S. Thiago. Os copos, passando de mão em mão, estasiavam com rapidez um garrafão de aguardente.</p> <p>O <i>batuque</i> anima-se; as violas, depois de prolongada afinação, entram no compasso proprio ao acompanhamento do descante, em que vão toman parte os principaes versistas; os pannonos são collocados entre os jo-</p>	<p>—Não, nunca! Frederico!</p> <p>—Nada conseguirás de teu paes, que é ambicioso. Eu, para estar em dia com o que se passa, mandarei aqui o meu fiel creado Antonio vigiar.</p> <p>—Olha, Frederico, quando todos os planos fallarem restar-me ha o ultimo recurso:—fugir contigo.</p> <p>—Oh! Maria! Como me amas, como é nobre e grande o teu coração!...</p> <p>—Tu vae ao baile de Manuel Gomes; é natural que lá nos encontremos, e ali, em vista do que succeder, resolveremos o que devemos fazer.</p> <p>—Pois sim, e até lá que Deus nos proteja... Adeus, Maria!</p>	<p>—Alegria, rapazes, alegria, exclamou Thomé! Sinto-me hoje com vinte annos de menos. A visita do meu amigo Gomes e seu filho é para mim de grande satisfação. Divirtam-se.</p> <p>—Thomé, dizia Gomes, espero que não faltes no proximo domingo ao baile que dou em minha casa; e até lá seria bom que fosses disposto o animo de tua filha para a proposta do seu casamento.</p> <p>—Não faltarei, mas receio muito de Maria; já lhe fallei n'isso e não recebeu bem os meus conselhos...</p> <p>Chegou mesmo a dizer-me que não gostava de Thimoteo. Desconfio que o seu coração já pertence a outro...</p> <p>—Pois tu não sabes quem é o pretendente á mão de tua filha?</p> <p>—Não!</p> <p>—E' esse extravagante do Frederico de Mello...</p>	<p>—Mas que tem? Sabe que a amo lousamente, e que me faz mal veia-assim mechancolica...</p>
<p>—Que dizes, Manuel, pois será crível que minha filha queira envenenar o resto da minha existencia? Nunca! Nunca consentirei em semelhante casamento!</p> <p>—Evitas esse casamento, é certo, mas não poderás obrigar Maria a casar com Thimoteo.</p> <p>—Vamos até casa, Manuel. Deixemos teu filho com Maria, entretidos a ver o <i>batuque</i>, para que mais livremente possam fallar.</p> <p>O <i>batuque</i> anima-se cada vez mais. Cantavam então:</p> <p>Nha Maria é bonita Nho Thimoteo é rascou.</p> <p>Maria estava triste e olhava maternalmente para toda aquella gente; repugnava-lhe a cantiga, que a feria amargamente, fazendo-lhe lembrar o seu amado Frederico.</p> <p>—Está triste, Maria, não falla, diz Thimoteo, pegando-lhe na mão.</p> <p>—Não, respondeu ella, escondendo a pequenina mão. Estou indisposta.</p> <p>—Mas que tem? Sabe que a amo lousamente, e que me faz mal veia-assim mechancolica...</p>	<p>lhos, e os braços levantam-se a um tempo:—o <i>batuque</i> entra na sua pharse aguda...</p> <p>Neste momento, appareceram Thomé da Veiga com sua filha, seguidos de Manuel Gomes e seu filho Thimoteo.</p> <p>—Alegria, rapazes, alegria, exclamou Thomé! Sinto-me hoje com vinte annos de menos. A visita do meu amigo Gomes e seu filho é para mim de grande satisfação. Divirtam-se.</p> <p>—Thomé, dizia Gomes, espero que não faltes no proximo domingo ao baile que dou em minha casa; e até lá seria bom que fosses disposto o animo de tua filha para a proposta do seu casamento.</p> <p>—Não faltarei, mas receio muito de Maria; já lhe fallei n'isso e não recebeu bem os meus conselhos...</p> <p>Chegou mesmo a dizer-me que não gostava de Thimoteo. Desconfio que o seu coração já pertence a outro...</p> <p>—Pois tu não sabes quem é o pretendente á mão de tua filha?</p> <p>—Não!</p> <p>—E' esse extravagante do Frederico de Mello...</p>	<p>—Alegria, rapazes, alegria, exclamou Thomé! Sinto-me hoje com vinte annos de menos. A visita do meu amigo Gomes e seu filho é para mim de grande satisfação. Divirtam-se.</p> <p>—Thomé, dizia Gomes, espero que não faltes no proximo domingo ao baile que dou em minha casa; e até lá seria bom que fosses disposto o animo de tua filha para a proposta do seu casamento.</p> <p>—Não faltarei, mas receio muito de Maria; já lhe fallei n'isso e não recebeu bem os meus conselhos...</p> <p>Chegou mesmo a dizer-me que não gostava de Thimoteo. Desconfio que o seu coração já pertence a outro...</p> <p>—Pois tu não sabes quem é o pretendente á mão de tua filha?</p> <p>—Não!</p> <p>—E' esse extravagante do Frederico de Mello...</p>	<p>—Mas que tem? Sabe que a amo lousamente, e que me faz mal veia-assim mechancolica...</p>

cia e com cintas ou fachas de fazenda da terra a *tiracol*, dando áquellas tafulas um certo ar militar.

As *nhanhás*, isto é, as senhoras brancas e as mulatas, vestiam ao uso europeu, posto que muito longe das modas de Paris.

Os escravos andavam descalços.

Os cavalheiros iam montados sobre altíssimas sellas, com mantas ou *xabraques* muito grandes, encarnados, azues claros ou de outras cores claras e brilhantes. O pescoço dos cavallos era adornado com guisos, e a cabeça enfeitada com fitas de muitas cores alegres tambem.

Tivemos occasião de assistir a um casamento na quinta de S. Jorge, situada nos arredores da cidade da Praia.

A belleza do local, o panorama cheio de poesia que ali se apresenta á vista, a sombra de altas e frondosas arvores, que protegem os visitantes dos ardores dos raios do sol d'aquelle ardente clima, são certamente um recreio muito agradável para aquelles que, cansados dos incommodos de uma longa viagem, alcançam finalmente o gosto de encontrar tão bonito retiro nas suas digressões pela ilha, sendo pena que não se patenteassem flores á vista, que é uma das cousas bellas que ali faltam.

O principal divertimento de muita d'aquella gente durante a manhã até á tarde é o de jogar as cartas, em que tomam um interesse tal que apontam sommas assás fortes, arriscando muitas vezes e apostando os seus escravos, que não raro acontece serem seus proprios filhos! Muitos dos habitantes chegam a ficar arruinados completamente, pelo seu desordenado amor ao jogo.

Sentámo-nos depois á mesa a um esplendido jantar, com uma quantidade immensa de pratos de doces, poisque fazem consistir a grandeza da festa no numero e diversidade de goloseimas que apresentam aos convidados. Era tal a abundancia, que me pareceu havia ali o sufficiente para o consumo a bordo do nosso navio durante todo o tempo do resto da viagem.

Concluido o jantar, e tomado o café e os licores, seguiu-se

a dança, e entretidos os convivas com as polkas, mazurkas e outras dansas favoritas, passou-se o tempo da maneira mais agradável.

A entrada do salão achava-se obstruída pela chusma dos escravos vestidos todos em grande gala, e as negras com as suas manilhas de ouro, etc.

Depois da dança serviu-se o chá, de roda, com uma profusão de doçaria, pasteis, biscoitos, bolos, vinhos e refrescos, de uma variedade tal, como não esperavamos encontrar n'aquellas paragens; e todavia isto não era, como depois verificámos, senão a sombra do que acontece em Angola.

Não havia ainda muito tempo que terminára o chá, quando as mulatas e jovens negras, escravas, das familias dos noivos tiveram entrada na sala; com o fim de nos darem uma amostra da sua favorita e tão afamada dança, o *batuque*, que foi dirigida por uma tafula e engraçada moça, que em voz alta marcava as novas e curiosas figuras que ultimamente têm sido introduzidas ou adoptadas. Os dansantes começaram por formar um meio circulo a cada extremidade da sala, ficando a directora ou marcadora no centro, depois do que juntaram-se todos, e formaram um *grand rond*, cantando e dansando em roda da moça, que continuára a ficar no centro.

Compunha-se a musica de flautas, violas, rãbecas e do *tom tom* ou *batuque*, especie de tambor que dá o nome á dança. O som d'esta orchestra é o mais desharmonioso possível. Bem entendido, esta era a musica dos servos, porque os amos e a gente da boa sociedade têm ali os mesmos instrumentos que se usam nas terras civilisadas.

No entanto os cavalheiros divertiam-se olhando dos corredores e dos quartos de fóra para aquella animadora e curiosa scena das mulatas e negras, ou se entretinham a fumar nos seus charutos e cachimbos na varanda.

Apenas se concluíram as dansas foi a noiva acompanhada em grande pompa á camara nupcial, onde ficou protegida por um forte destacamento de donzellas parentas e amigas; mas não tinham ellas o necessario vigor para poderem resistir ao

— Paisagem, quem me adivinha? —
E andam sombras pelas sombras
enquanto a noite caminha,
dês que o luar dealbou...

Que tentaram ensombrar-me...
— Mas quem foi que me assombrou?

Quem me ensombra
não me assombra!
... Apenas me sobressalta
não ver os mortos da sombra
que me fazem tanta falta!...

(Diário, 1929)

V

Vi um batuque,
baque,
bacanal!
E fiquei de olhos cansados
— pobres selvagens! —
a ver horas e horas
rolar a mesma dança
doida...

Mole e sensual
mencio de ancas e de ombros
num desvalro:
Rebedeira bamba
duma cópula carnal!:

Gemidos
idos
daquela
goela
que se enrouquece
nesse compasso
passo
dum contra-tempo,
tempo de outro compasso,
no passo da dança dela
que me extasia...

78

... A negra nua
e macia,
rolando pelo mole
desejo
dele...

(Diário, 1929)

VII

E a morna
morna,
bole
mole,
já velha, sem ser antiga,
num compasso de cantiga
sexual.

: Reminiscência dum fado
que, dançado
num maxixe,
tem a tristeza postiça
dum cansaço.

: Um semi-civilizado
lasso
balanço
embalado
sobre o ventre dum fetiche.

(Diário, 1929)

IX

Chuva!,
chuva que bonda!,
chuva que tomba
— bumba!...

Cheiro a chuva que embriaga...

79

BATUQUE

Se eu não tivesse a convicção da preexistência da poesia em relação à música e da razão do seu aparecimento à face da terra como necessidade de concretização verbal do ritmo da dança (expressão corpórea e primeira do imperativo artístico do homem) tê-la-ia ganhado em Cabo Verde, assistindo a um batuque de S. Tiago — a única tradição negra e continental numa ilha povoada só depois da descoberta.

Ao ritmo da *chaveta*, rufo das mãos no *pano* entalado em embrulho entre os joelhos, que marcam, acorados, os assistentes em roda, um homem, uma mulher ou quando muito um par, desenvolvem, em livre curso de mímica exótica, a dança de entontecer.

A cabeça está quieta. Exige-lhe a regra que possa sustentar em equilíbrio e sem auxílio das mãos a garrafa da *cachaça* que ajuda a melopeia monótona no progresso da exaltação. De mão a mão, percorrendo os braços e os ombros como uma onda, uma espécie de arpejo ritmado independente do resto. E o resto, que se passa num andamento de velocidade inacreditável é um rebolar ininterrupto e inverosímil das ancas desenhadas pelo aperto exagerado do *pano*. De espaço a espaço, as pernas, sem função, contagiadas do arpejo dos braços, contraem-se num salto.

Assim começa o *batuque*. Às vezes, na *simboa*, violino de uma corda a ressoar sobre um côco coberto de pele de cabra, repete o tocador toda uma noite as sete notas da mesma eterna e inalterável música.

Depois, ganha na primeira meia hora o calor necessário, o dançador, que se renova, ensaia mímicas espantosas de aflição e de desejo. Nos batuques que vi, só o medo e o praser sexual eram motivos evidentes. Então os da *chaveta* já se não contentam do ruído surdo do seu rufo e desatam, em solo e em câro, numa ladainha de exclamações — *nha mãe!* dum sensualismo exasperante.

O *batuque* atingiu o seu clima necessário, capaz de o manter horas e horas, dias e dias se o deixarem.

E os versos? Lá chegamos. Há-os de duas espécies — de *crucutir* (1) e de louvor.

(1) Mal dizer — criticar.

Os primeiros para os ausentes e para a chacota dos acontecimentos, os segundos para os presentes e a paga, que é sempre paga cada dançadeira ou cantadeira de *batuque* na hora mesmo da sua dança ou do seu cantar, numa quete em roda para serve, a desígnio, o copo das libações.

Os versos são de improviso em forma de plena liberdade, e a toada é mais rítmica e litânica que musical. Quando aparecem, cala-se a *simboá* marcam-lhes a cadência o compasso da *chaveta*, e o movimento melódico e as paragens estróficas, os esgares da dança no seu desconchavo.

Lembro-me duns que me foram «cantados» e que, mau grado alguma alteração da memória, servirão de modelo para imaginar os outros, todos concebidos no mesmo processo de imagens.

«Todo o boi é boi
Todo o vaca é boi
.
.
.
Boi inteiro é boi
La na achada é boi
Boi castrado é boi
Todo o vaca é boi.
Nho Zé Costa é boi
E su fidjo é boi
Aé!
Eh nha mãe!
Todo o boi é boi»

A imagem clara da louvaminha é graciosa e inédita no seu recorte. E que aos ouvidos maliciosos do europeu não soem mal, na crueza sem disfarce, os termos da comparação. Não pretendia com ela, a cantadeira, mais que um elogio sem reservas.

O boi é talvez símbolo de nobreza e abundância, mas mais do que o símbolo se pretendia aproveitar o que, do hábito da fala, fica em imagem literária. Filho de meu pai, e embora me não conhecessem, melhor ou pior, tinha de ser da sua bôa raça.

A N T Ó N I O P E D R O

1

Propriedade do Grupo "Claridade"
Director: Manuel Lopes = Administração em S. Vicente, Cabo Verde
Composto e Impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade Lda,
São Vicente, rua Infante D. Henrique
preço 2500

São Vicente, Cabo Verde, número de Março 1936

lantuna & 2 motivos de "finaçom (bataques da ilha de Sant' lago)

Chotinha bêm di lantuna
cô gudja, cô didal, cô linha

Chotinha bêm di lantuna
mona bedja bêm di barsêra

1
'M pidi Nhôr-Dês
pê câ matâm muto nobo
nem pê câ matâm bedjo di-más;
pamodi

bedjo 'n tá bá storido
nobo 'n tá bá di trabessado
na subida 'n tá bá mondudo
na dixida 'n tá bá stendedo
na trabessa 'n tá bá sereno

Quel hó qu'n grandi
qu'm pôdê
'n tá mandá rombá Pic'Antone
pân djobê dento chuba chobê!

2
Mocinhos sim namorado
ê sim má boca sim bocado
ê sim má carni sim mandioca
ê sim má copo sim garafa.

S'in tenê bedjo
tá'infadâm
s'in tenê nobo
ta borregam...

Nha guenti
s'in ca pupa
n'ca cudido
s'in pupa
'n ta rabenta!

CLARIDADE

revista de arte e letras

Cabo Verde na Exposição

Por MACHADO SALDANHA

A Colónia de Cabo Verde fez, pela Exposição Colonial que acaba de ser encerrada, um notável esforço de propaganda, cujos resultados ainda é difícil de fixar numa visão de futuro.

O detalhe desta realização foi, porém, inteiramente cumprido e se nem sempre tudo passou com aquela eficiência que na colónia se preconcebera — isto por na representação terem escasseado meios materiais — o que é certo é que a execução pretendeu amoldar-se às possibilidades e cumpriu.

Evidenciou-se amplamente que a população do arquipélago refere uma enorme vitória de colonização. O grupo étnico que Cabo Verde mandou à Exposição apresentou o colorido típico dum «povo bem português». A sua vida de relação aqui na capital do Norte nivelou-se bem e a-par dessa massa enorme de visitantes das aldeias de Portugal. Os caboverdeanos denotaram-se inteiramente os irmãos de Além-Mar, pelos costumes e pelo sentimento. Assim, se o grupo étnico de Cabo Verde não trouxe ao Pôrto o espectacular de trajos berrantes e de costumes raros, patenteou à vista da Metrópole a nota consoladora de que ali, em Cabo Verde, «portugueses de ontem criaram portugueses de hoje — que são todos os naturais do arquipélago».

Os tocadores da orquestra típica vibraram o sentimento ilhéu que anima a vida popular da Colónia e as raparigas da Boavista cantaram as «mornas» da saúde, da tristura e do mar. E como o folclore caboverdeano exprime motivos culturais, foi possível realizar êsse espectáculo indefinível de cor e de unção que foi «A tarde de Cabo Verde».

çaria um êxito inigualável, arrancando a uma plateia inteligente e avida de beleza uma ovação de apoteose.

Embora tenha muitas outras virtudes a recomendá-la, o aspecto característico e dominante da peça é, sem dúvida, a colaboração indígena. Não são, apenas os landins. É uma dança movimentada de balantas, de ritmo impecável e original. É a apresentação de um grupo de músicos caboverdeanos, numa das suas mornas características. É uma exibição coreográfica en-diabrada e alacre dos bijagoz, em que toma parte uma bailarina negra de curvas harmoniosas e de passinhos rítmicos. É uma «cega-rega» apropriada, tanto pela letra como pela música, e desempenhada com graça ingenua pelos educandos das missões católicas de Caconda. É toda a riqueza, todo o colorido e todo o pitoresco do nosso «folclore» colonial que desfila diante dos olhos maravilhados e surpreendidos do público, que não lhe regateou aplausos. Peça de exaltação colonial, preenche inteiramente o objectivo que tem em vista. Condicionada dentro deste «espartilho», e com os recursos de que dispunha, seria difícil fazer melhor, e representa incontestavelmente um grande triunfo para os autores, para Amelia Rey Colaço e para os seus artistas, para os maestros, para os cenógrafos e para os figurinistas.

Autorização

Per esta Administração do Concelho se faz saber que se concede uma autorização a Joaquim Borges, para realizar a festa "Tabanca", ficando incurso nas sanções da lei caso se pratiquem actos de violencia.

Tem por obrigação os tabanqueiros, depois da festa, limpar as estradas e caninhes vizinhos do sitio Varzea da Companhia.

É valida esta autorização durante 10 dias

Deve esta autorização transirar pela policia

Administração do Concelho da Praia, 7 de Julho de 1944

O Administrador do Concelho

Aluiz
(Alberto Lopes da Silva)
Engenheiro

Administração do Concelho da Praia

Tripluado

Autorização

Autoriso Francisco Tavares Barreto a realizar um baile familiar em casa dela, situada em Lém Cachorro, suburbios desta cidade,, hoje, das 20 horas até ás 6 horas de manhã, não sendo permitidos cobrar qualquer cota, cantigos e gritos desordenados que pertubem o sossêgo público.

Administração do Concelho da Praia, 24 de Dezembro de 1944

O Administrador do Concelho,

AS
Antonio Policarpo de Sousa Santos
Admor. de la classe.

S.F.
 = REGELORIA DA FREGUESIA DE Santiago maior
 = CONCELHO DA PRAIA =

Nº 285 / 1958

T. Badijo, S.º de Dezembro de 1958


Exm.º Senhor Administrador do Concelho da

S.ª

unto ao V.º Ex.º a importância do
8800 pecoimento da diocese de um baile
realizado na noite 30 de dezembro de 1958
em nome a lista que acompanha.

A S.º
O.º
J.º

ADMINISTRAÇÃO DO CONCELHO DA PRAIA
 Expediente Nº 1692
 Em 20 de Julho de 1958
 PROCESSO Nº



Diocese de Cabo Verde
 Ilha de Santiago—Praia

Nº 129/58
 GP

Exmo. Senhor Administrador do Concelho da Praia

Cidade da Praia

Recebi uma carta do Pároco de Santiago Maior, dizendo que, quase todos os anos, há disturbios naquela freguesia no dia 25 de Julho, dia do seu Patrono, por causa dos bailes organizados por ocasião da festa.

Segundo as normas estabelecidas nesta Diocese, quando há bailes por ocasião das festas religiosas, estas devem ser reduzidas ás cerimónias no interior da Igreja. Esta norma de Sua Excelencia Revm. o Senhor Dom Faustino, de saudosa memória, é lógico e compreensível. Manter os Santos com bailes é ou perverso ou pagão.

Reço, pois, encarecidamente a Vossa Excelencia para não permitir bailes em Santiago por ocasião da festa do seu Patrono, no dia 25 da corrente.


Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Ex.º respeitosos cumprimentos.

A. Bem da Nação.

Cidade da Praia, 19 de Julho de 1958

O Administrador Apostólico,

.....
 Padre Augusto Hogueira da Sousa



BATUKU

Nha fla-m, Nha Dunda, kus'e k'e batuku?
Nha nxina mininu kusa k'e ka sabe.

Nha fidju, batuku N ka se kusa.
Nu nase nu atxa-l.
Nu ta more nu ta dexe-l.
E lonji sima seu,
fundu sima mar,
rixu sima rotxa.
E usu-l tera, sabi nos genti.

Mosias na terreru
tornu finkadu, txabeta rapikadu,
Korpu ali N ta bai.
N ka bai. Aima ki txoma-m.
Nteradu duzia duzia na labada,
mortadjadu sen sen na pedra-l sistensia,
benedu mil mil na Sul-a-Baxu,
kemadu na laba di burkan,
korpu ta matadu, aima ta fika.
Aima e forsa di batuku.
Na batuperiu-l fomi,
na sabi-l teremoti,
na sodadi-l fidju lonji,
batuku e nos aima.
Xinti-l, nha fidju.
Kenha ki kre-nu, kre batuku.
Batuku e nos aima!

BATUKU

Diz-me, Nha Dunda, o que é Batuku?
Ensina aos meninos o que sabes.

Meus filhos, Batuku não sei que seja.
Nascemos e aqui o encontramos.
Morremos e aqui o deixamos.
É longe como o céu,
fundo como o mar,
rijo como rocha.
E digo-te, sabe-nos bem.

Moças no terreiro
ancas fincadas, tocando txabeta
o corpo pronto a morrer.
Mas eu não morro. A Alma chama-me.
Dúzias e dúzias enterrados em campa rasa,
centenas e centenas mortos no desastre da Assistência,
milhares e milhares obrigados a trabalhar em São Tomé,
queimados na lava do vulcão,
os corpos morrem mas a alma fica.
A alma é a força do batuku.
Resistindo à fome,
enfrentando os terramotos,
com a saudade dos filhos longe,
o batuku , a nossa alma.

Sintam-no, meus filhos.
Quem nos ama, ama o batuku.
O batuku , a nossa alma!

Kaoberdiano Dambará
(Felisberto Vieira Lopes)
1964

COMUNICADO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

O Ministério da Educação e Cultura vem, por este meio, agradecer a todos aqueles que colaboraram na realização da sessão cultural realizada no dia 7 passado, em especial ao Orfeão Club Juvenil da Praia, Orfeão de S. Domingos, responsáveis pelo Salão Paroquial, grupo de crianças da escola n.º 1 e ao grupo de batuque da Cidade Velha.

Não deixa também de registar, com satisfação, o comportamento ordeiro e correcto dos espectadores durante o decorrer da sessão, dando, assim, provas de civismo e de muito interesse pelas manifestações culturais do nosso povo.

APONTAMENTO BATUCO

Do sarau organizado pelo Ministério da Educação e Cultura a que pudemos assistir no passado dia sete de Junho no Salão Paroquial da Praia falemos do grupo de batuque da Cidade Velha. Falaremos especialmente do batuque por várias razões:

— O batuque só ganhou o direito de subir a um palco de teatro com a subida ao palco da História do povo que o criou. Neste sentido é novidade.

— O grupo de batuque da Cidade Velha foi o grupo mais aplaudido do sarau. E apetece perguntar quem foi aplaudido: o ritmo desenfreado e as palavras entre dentes ou o povo que dançou?

— O momento de libertação é um momento de orgulho e o orgulho de um povo tem que ser traduzido em arte: canto, dança ou palavras ou mesmo uma simples estrela negra pintada em qualquer parte.

Se analisarmos o batuque procurando aquilo de que é feito, uma realidade nos salta logo à vista: pobreza. O batuque é feito de pobreza — como instrumentos, um corpo e uma voz gastos, um trapo e muitas mãos batendo freneticamente, lentamente, raivosamente. Os povos africanos que escaparam à escravatura directa têm um tambor esculpido, máscaras, todo um cenário que conseguiram resguardar da barbárie colonial.

O admirável é que desse trapo e dessa voz mordida, desse outro gesto seja uma dança que é arte. É como arte, isto é, como capacidade de fazer

coisas, neste caso concreto, quase sem material, é uma manifestação de orgulho. As autoridades coloniais de Cabo Verde, se ainda fossem «vivas» diriam: «orgulho não, soberba. O batuque é uma manifestação de soberba! Como é que o povo caboverdiano conseguia fazer coisas que não eram programadas nas secretarias coloniais? Que diriam as pessoas quando vissem que o povo caboverdiano era capaz de fazer coisas sem a ajuda do colono português? Era preciso reprimir esse absurdo».

Mas as coisas são como são e não como as desejam os teóricos do colonialismo e hoje o povo de Cabo Verde sobe ao palco e traz consigo a sua arte — a sua capacidade de construir.

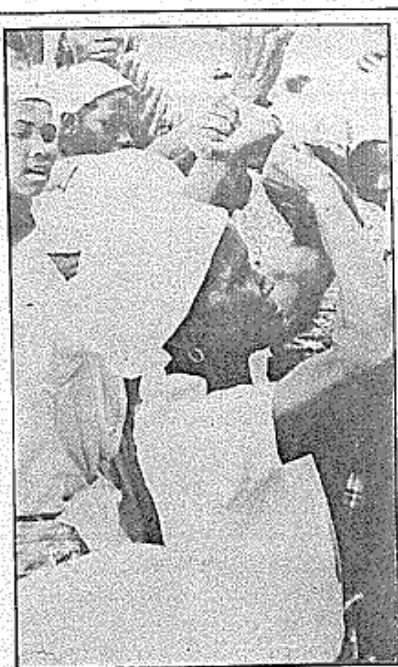
Quem é contra o facto de os grupos corais caboverdianos aprenderem a cantar Verdi ou Beethoven? Não, ninguém. Que aprendam a cantar como os melhores!

Mas na arte como na agricultura, enquanto não tivermos tambores esculpidos, temos que dançar ao som de farrapos como temos que utilizar burros enquanto não tivermos estradas.

Contar com as coisinhas que temos sendo capazes de fazer, apesar de tudo, e fazer um esforço gigantesco para as enriquecer não é miserabilismo mas uma manifestação de coragem.

Assim poderemos interpretar o bater ruidoso dos pés das bailarinas no estrado do Salão Paroquial como o reconhecimento de um terreno conquistado.

WANGA



Mulheres batucadeiras

Som frenético de mulheres
Nostalgia de batuques não vividos
Em entardeceres sem néon
Nostalgia de pano amarrado na coxa
Coxa sensual de balançar cadenciado
Como este canto
Que se eleva no ar
E me envolve na terra
Nostalgia daquilo que sou

— Genuinamente —
Essa de mãos batendo ritmo
Essa de voz cantante
Que salta para o terreiro
E dá cu torno em perfeição estonteante
Essa que fuma cachimbo e fala por metáforas

Monda o milho
E carrega nas ilhargas
Os filhos que vão nascendo
Essa mulher única
Que ama, sofre, trabalha e dança
Com o mesmo esquecimento
E a mesma intensidade
Do transe hipnótico das coxas no batuque

Vera Duarte



Finação de Bibiña Kabral cantadeira de Santiago

Coordenação de Oswaldo Usoro

Alguém chamou já a esses homens e mulheres "grandes", que retêm a sabedoria e o conhecimento oral do passado, os quais transmitem através da palavra e do gesto, quase sempre com acompanhamento musical ou rítmico, de "sábios analfabetos".

Creemos não constituir surpresa para ninguém se dissermos que se essas "sábias da palavra" soubessem escrever, muitos delas teriam obra publicada.

Bibiña Kabral, de quem hoje vamos oferecer às nossas leitoras o seu finaçon *Comparação*, é uma tradicionalista de 85 anos, ou, se se quiser, cantadeira de batuque, rija apesar da idade, com a resposta pronta, sempre engatilhada, que desarma pelo humor, pela vivacidade ou pelo imprevisto, e autora aplaudida desse género literário oral. Eis o finaçon:

*"Kaha ki ten sialis
Ke madama
Ki ten baka
E rassa bua familia
Ki ten terra
Ke propetári
Ki ten dieteru
Ke sidadan
Ki ten kabra
E mafé di lodron*

*Príncipe e príncipi
Di Mundu
Pamá la qui omí
Cora mujer
E kau ki agu
Tu fuga banku*

*Na krus di kobada
Ke Mija Branku
Na Ponta Taju
Ke Pilon Kan
Na Mangüu Séri Rubéa
Cada Mundu
Boita redonda
Umí nazi Bibiña Kabral*

*Ke sima fruitu nóbu
Na éon gobérnu
E só éia sima
Ja nazi ja"*

Recolhido por Alsasem.

Concurso de Batuque na Cidade Velha: Grupo da Achada Grande foi o vencedor

O grupo de base da OMCV da Achada Grande foi o vencedor do concurso de batuque realizado, no passado domingo, na Cidade Velha, no âmbito das comemorações do Dia do Município do Concelho da Praia.

Participaram neste concurso, que contou com a honrosa presença do Secretário-Geral Adjunto do Partido e Primeiro Ministro, cinco agrupamentos provenientes de diversas localidades do concelho da Praia.

Este concurso de uma

das mais genuínas manifestações culturais do povo de Santiago, que é o batuque, constituiu um assinalável êxito para os seus promotores porquanto as numerosas pessoas que se deslocaram no domingo ao terreiro da Cidade Velha tiveram a oportunidade de ver em acção autênticos artistas populares, muitos deles praticamente desconhecidos do público da capital e arredores.

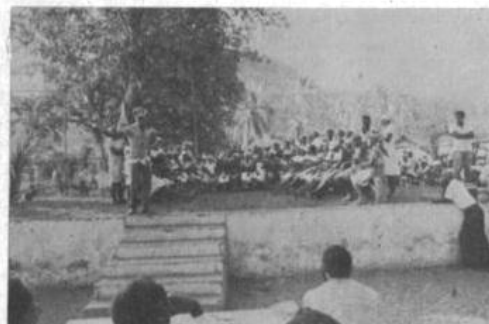
As batucadeiras da Cidade Velha, S.Domingos, S.João Baptista, S.Martinho e da Achada Grande fizeram vibrar a

assistência com a interpretação de algumas das peças mais em voga deste género da cultura popular.

Quanto a nós, a tarefa mais difícil do júri residiu na atribuição dos dois primeiros lugares da classificação final tendo em conta que tanto o grupo da Achada Grande como o grupo N'Tone Dente d'Oro de S.Domingos tiveram actuações a justicarem a nota máxima. Salienta-se, porém, que a decisão do júri acabou por coincidir com a maioria das previsões, não tendo havido

por isso a mínima contestação por parte dos concorrentes e seus apoiantes, que no final se envolveram numa franca confraternização antes de retomarem o caminho das suas aldeias.

Eis a classificação final deste concurso de batuque organizado pelo Concelho Deliberativo por ocasião do Dia do Município da Praia: 1.º Grupo de Base da OMCV da Achada Grande; 2.º Grupo N'Tone Dente D'oro de S.Domingos; 3.º Grupo Grito d'África da Cidade Velha; 4.º Grupo de S.João Baptista; 5.º Grupo de S.Martinho.



Dois aspectos do grande concurso de batuque realizado no passado domingo na Cidade Velha, no âmbito das festas do Município da Praia

Concurso "Tradição na skóla/86"

A guisa do sucedido no ano transacto, a Direcção Geral da Cultura lança uma vez mais, através do Departamento de Tradições Oraís, o concurso "Tradisons na Skóla". O objectivo pretendido é a continuidade de salvaguarda da nossa cultura oral, que, como é sabido, vem correndo sérios riscos de se perderem, apesar da sua importância para a coesão nacional e para um melhor conhecimento da nossa identidade de povo e nação.

Contanto como sempre, com o engajamento compreensível e necessário da Direcção Geral da Educação, da Direcção Geral da Educação Extra-Escolar e dos demais interessados no desenvolvimento do país, a Direcção Geral da Cultura estabelece para o efeito o seguinte

REGULAMENTO

1. O concurso visa a recolha somente e abarca todos os domínios das nossas tradições orais. A título elucidativo, apontam-se: adivinhas; estórias ou contos; provérbios ou ditados; "ramedis di téra"; usos e costumes (entre os quais: maneiras de "konkista"; pedidos de casamento; festas de casamento, de baptizado e de guarda-cabeça); credices; "kontu nobu"; "sinal di témpu" e "sinal d'azagua"; jogos tradicionais para crianças e não só; descrição de festa populares; etc.

2. Poderão concorrer todas as escolas do país, de todos os níveis de ensino, incluindo os Círculos de Cultura, englobando professores e alunos, alfabetizandos e alfabetizadores, além de um ou outro interessado que quiser participar.

2.1 - Cada escola ou Círculo de Cultura pode concorrer enquanto tal, colectivamente.

2.2 - No seio de uma escola ou Círculo de Cultura, podem constituir-se grupos concorrentes dessa escola ou círculo.

2.3 - Um professor (ou aluno) pode concorrer a título individual e o mesmo se diga ao alfabetizador.

2.3 - Um professor (ou aluno) pode concorrer a título individual e o mesmo se diga ao alfabetizador.

3. Toda a recolha deve ser feita em cabo-verdiano (Crioulo), utilizando ou a escrita à antiga, ou o alfabeto proposto no Colóquio de Minde¹.

4. De toda a recolha gravada deve-se enviar à DGC (Direcção Geral da Cultura) uma cópia (devidamente anotada) juntamente com a transcrição da mesma, feita pelo autor do registo sonoro. A DGC reembolsará o custo das "cassettes".

5. Os trabalhos concorrentes podem ser escritos à máquina ou à mão e deve ser enviado um exemplar de cada à DGC, assinado de modo legível e com os dados seguintes: nome e endereço da escola ou círculo concorrente; idade, filiação, habilitações literárias, profissão e endereço do indivíduo ou grupo de indivíduos concorrentes, bem como o nome dos informantes, sua idade, estado civil, habilitações literárias, profissão e endereço.

6. O concorrente pode cingir-se a um domínio específico ou alargar-se a vários domínios de tradições orais.

7. Cada trabalho concorrente dactilografado deve ter minimamente vinte páginas de formato A4, a dois espaços.

8. Cada trabalho manuscrito deve ter um mínimo de trinta páginas de papel almaço de 35 linhas.

9. O concurso terá início a partir da sua publicação na Rádio e Jornal e prolongar-se-á até 30 de Julho do ano em curso, data limite para a entrega dos trabalhos.

10. Haverá prémios para o 1.º, 2.º e o 3.º classificados, cujo valor será entregue em dinheiro, além de cinco prémios de participação atribuídos, em "bens culturais", aos cinco melhores colocados a seguir ao 3.º classificado.

11. O valor dos prémios será de 15 mil, 10 mil e 5 mil escudos para o 1.º, 2.º e o 3.º classificados, respectivamente.

12. Para apreciação e classificação dos trabalhos, a DGC nomeará oportunamente um júri de 3 elementos.

13. Os resultados do concurso serão divulgados pela Rádio e no Jornal em fins de Setembro de 86, sendo os prémios distribuídos no decurso de Outubro do presente ano.

14. Os trabalhos deverão ser dirigidos a:

Concurso "Tradisons na Skóla/86"
Direcção Geral da Cultura
C.P. - 111
Praia - Cabo Verde

Direcção Geral da Cultura, aos 17 de Janeiro de 1986



Um grupo de batucadeiras da Travessa de Engenho em Santa Catarina vai ter que depôr no Tribunal sobre a letra de um dos seus batuques. As mulheres que se inspiraram num panfleto que falava em certo desvio de dinheiro por um dos vereadores da Câmara de Santa Catarina provocaram a ira de Firmino de Djon Café que os mandou para o Tribunal. Neste fascínio que desperta o proibido muitos afirmam que o batuque é excelente. Prova disso é que faz sucesso por aí já anda espalhada por toda o concelho e ilha. As gravações chegaram até a Holanda. O problema está em como o Firmino vai evitar essa propagação.

O pessoal não perdeu a oportunidade para, no programa Ponto de Vista esfregar na cara de Jacinto a lama da ilegalidade em que se anda chafurdeando o edil da capital.

Djô Baca Djô
As batucadeiras de Praia Baixo voltaram. Dizem ser o grupo de Carlos Veiga e Jacinto Santos.

Reedição
É a reedição dos dias gloriosos de 1991. Só com menos fôlego e convicção. A claqué também diminuiu bastante.

PONTO

Actualidade
A Semana Segunda-feira, 13 de Novembro de 1995

Quatro discos para descobrir o batuque de Cabo Verde

É hora de batuque

CONSIDERADO A MANIFESTAÇÃO cultural de carácter mais nitidamente africano de Cabo Verde, o batuque, após décadas restrito às festas de baptizado e casamento na zona rural da ilha de Santiago, emergiu nos últimos anos representando o país em eventos como as Expo's de Sevilha e Lisboa e festivais como o American Folklife, nos EUA.

Em Portugal, contrariando a tendência de perda das raízes culturais nas comunidades imigrantes, desponta no início dos anos 90 entre as actividades da associação Moinho da Juventude, na Amadora, com o grupo Finka-Pé, e em menos duma década somam-se cerca de duas dezenas de grupos espalhados por vários municípios, em particular na região de Lisboa. A esse «florescer» uma manifestação que já se julgou ter os



dias contados, corresponde a uma discografia constituída por apenas cinco títulos, quatro deles desde há cerca de um ano.

Nácia Gomi — **Batuque et Finaçon** é o mais recente, editado pela etiqueta francesa Ocora/Radio France — a mesma que, em 1998, lançou o primeiro CD dedicado ao batuque, o de Ntoni Denti d'Oru —, e transpira vitalidade na voz poderosa de Josefa Mendes Pereira, septuagenária e cozinheira da escola da sua aldeia, Espinho Branco.

Também recentemente

colocado no mercado é **Xubenga** — editado pela Harmonia — do grupo Terrero, formado maioritariamente por jovens, o que desfaz o receio de matriarcas como Nácia Gomi, Bibinha Cabral e Nha Mita Pereira não terem herdeiras a quem legar a tradição. E começam já a inovar, com a introdução de acompanhamento instrumental.

Nácia Gomi, por sua vez, depois de algumas cantigas inseridas num CD editado na Suécia e duma participação no último trabalho dos Ferro Gaita, teve por fim lançado, no ano passado, um CD há muito anunciado pela Sons d'África: **Nácia Gomi cu Sê Mocinhos**. É a principal representante viva do finaçon, a mais perfeita tradução da sabedoria popular de Santiago.

E a representar o dinamismo do batu-

PARECE TER CHEGADO A HORA DA INTERNACIONALIZAÇÃO PARA O BATUQUE DE CABO VERDE

que em Portugal temos, intitulado simplesmente **Batuque** (edição do grupo, com apoio da Câmara de Cascais e do projecto Integrar), o trabalho do grupo Voz d'África, formado por moradoras do bairro das Marianas, em Carcavelos, que participou também do mais recente trabalho da cantora Celina Pereira.

Formados por mulheres — Denti d'Oru é a única excepção —, os grupos de batuque baseiam-se no ritmo produzido por palmas e percussão. Esta é feita sobre um tecido

enrolado entre as coxas, o qual recentemente tem sido colocado dentro de sacos plásticos, que produzem som mais alto, quando não substituído por uma almofada de material sintético, para horror dos puristas.

Sentadas em semicírculo, as percussionistas-vocalistas respondem a uma frase musical cantada pela solista. Esse canto desdobra-se em duas modalidades: sambuna (de carácter mais lúdico e rítmico) e finaçon, improvisação sobre temas do quotidiano, a estigmatizar ou louvar condutas ou personagens, podendo também tecer reflexões de ordem existencial. Ao longo da sessão, a «chabeta» (som produzido pela percussão e palmas) acelera e entra em cena uma dançarina para «dá cu torno» — dança centrada no quebrar dos quadris, quase sem sair do lugar, cuja sensualidade provocou o repúdio da Igreja, em tempos coloniais, considerando o batuque como «selvagem».

Embora se admita que possa ter existido em outros pontos do arquipélago, povoados a partir de Santiago, hoje, em Cabo Verde, o batuque existe unicamente nessa ilha, já não exclusivamente no interior, pois o êxodo rural levou ao aparecimento de grupos na capital. Com a emigração, naturalmente vão surgindo em outros pontos do mundo, sendo Portugal um local privilegiado para a sua observação.

Esta verdadeira «movida» talvez signifique que o batuque — a exemplo do funaná há duas décadas — se aproxima do ponto de viragem que o poderá transmutar, de manifestação rural de interesse etnomusicológico, num género musical com potencial de comercialização e evolução estética. Com todas as consequências que daí advirão, é mais uma página a escrever-se no desdobrar do património musical cabo-verdiano. **Gláucia Nogueira**

BOA VISTA TEM AGENDA PARA DINAMIZAR A CULTURA

20 DE FEVEREIRO DE 2009



Kriolidadi

CULTURA E VARIEDADES

A SEMANA



Batucadeiras Delta Cultura
lançam primeiro disco da carreira